

## APRESENTAÇÃO

Em contagem regressiva para o fim do grande mal que nos assola, está no ar o sétimo número da RCD! Enquanto alguns seguem em seu ritmo monológico e de desprezo pela diversidade das formas de vida, trazemos nesta edição a multiplicidade de possibilidades de existência. Com textos sobre temáticas como identidade cultural, questões de gênero e sexualidade e propostas metodológicas para o letramento de surdos, nossas lentes seguem abertas para captar e valorizar o que há de estranho nos outros e, sobretudo, em nós mesmos. Ainda recuperando as forças diante do recente genocídio, sobreviventes, precisamos renovar nossas esperanças para reconstruir um país inteiro. Nossa expectativa é a de que a próxima edição ocorra em outro contexto, bem diverso do atual.

Para começar o número, trazemos dois artigos sobre questões de gênero e sexualidade. No primeiro, a autora Nayara Fernanda Dornas, doutoranda em Linguística pela Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), nos apresenta uma reflexão sobre os diferentes significados de *Amélia* por meio de duas canções. Para analisar as reescrituras do nome *Amélia*, sua designação e a constituição da cena enunciativa, a autora utiliza os procedimentos da Semântica do Acontecimento, desenvolvida pelo estudioso Eduardo Guimarães. Em um primeiro momento, a composição “Ai que saudades da Amélia”, de Mário Lago e Ataulfo Alves, ao se tornar sucesso, instaurou um sentido específico para *Amélia* na conjuntura social. No entanto, posteriormente, o nome *Amélia* passa por um processo de resignificação através do sucesso “Desconstruindo Amélia”, de Pitty, projetando, assim, sentidos distintos do original. O texto evidencia como a cultura está em permanente transformação e mostra as atualizações de significados promovidas pelos artistas ao longo do tempo.

No segundo texto sobre este tema, os autores Wilker Ramos Soares, Vanessa Correia e Letícia Gottardi, alunos do mestrado em Linguagens e Práticas Sociais da Universidade Estadual de Goiás (UEG), refletem sobre as representações de gênero socioculturalmente construídas a partir de um processo permeado pela relação da heterossexualidade compulsória e pelo patriarcado. O autor e as autoras problematizam em seu artigo os debates e discussões que surgiram no final do ano de 2020 a partir da premiação da *drag queen* Pabllo Vittar como “Homem do Ano” pela Revista *GQ Brasil*. O episódio gerou grande comoção e repercutiu diversos comentários na grande mídia, tensionando noções de gênero e sexualidade e possibilitando debates sobre a construção da homofobia, a reprodução do discurso

de ódio e a relação entre performatividade e identidade de gênero. Para os autores, a capa estampada com a imagem de Pablo Vittar na Revista *GQ Brasil* é na verdade resultado de um movimento de (re)existências gerado por uma série de acontecimentos discursivos que vêm produzindo discussões importantes sobre o que é ser homem e o que é ser mulher na sociedade brasileira contemporânea.

No terceiro artigo deste número, o autor Rafael Soares Krambeck, mestre e doutorando pela UNISINOS, faz uso de abordagens teóricas para refletir e problematizar as relações estabelecidas entre as identidades culturais e a cidadania em meio a processos de mídiatização social na atualidade. Ao longo do texto, Krambeck discute a influência da mídia nos processos sociais na contemporaneidade e atenta à necessidade da geração de modelos políticos e econômicos que melhor favoreçam à convivência nas sociedades atuais, a fim de garantir à população dignidade, cidadania plena e segurança identitária.

O artigo da professora Angela Corrêa, escrito em conjunto com suas alunas Milena Pinho e Vitória Amaro, apresenta e discute uma proposta metodológica para o ensino do português como segunda língua para surdos. Baseada na forma literária dos mangás, marcada pela expressividade dos desenhos, a proposta é um exemplo criativo do uso das imagens em um contexto em que as possibilidades de diálogo ganham contornos especiais. Embora as autoras não tenham explorado em profundidade os aspectos dialógicos da proposta, entendemos que a publicação do artigo pode contribuir para lançar luzes e abrir portas em um debate necessário e urgente, mas ainda pouco valorizado.

O artigo de Kenia Augusta Figueiredo, assistente social e doutora em Comunicação pela Universidade de Brasília (UnB), traz uma reflexão sobre a conexão entre os princípios da Comunicação Pública e as Políticas Sociais. De acordo com a autora, neste tempo de mundialização do capital, sob forte hegemonia neoliberal, é necessário encontrar alternativas que contribuam, de maneira efetiva, para que ocorra uma potencialização da organização política de segmentos da classe trabalhadora, visto que a democracia e o acesso à direitos vêm sofrendo constantes desgastes. Se democracia e cidadania constituem princípios para as políticas sociais e a comunicação pública, esta última deve resultar em transparência e na centralidade do cidadão, com vistas a uma relação dialógica, de troca, ao invés da perspectiva monológica da transmissão de informações. A autora assinala que tais mudanças são processuais, pois a democracia é um valor universal, um processo a ser construído continuamente.

Tivemos ainda a honra de receber nesta edição da RCD um artigo das coordenadoras do Dicionário de Favelas Marielle Franco, Sonia Fleury (Coordenadora Geral) e Clara Polycarpo (Coordenadora de Comunicação), plataforma que vem constituindo-se como uma das principais fontes de informação a respeito dos discursos que afetam as favelas e periferias brasileiras. Por meio das proposições metodológicas de autores como Eni Orlandi, Norman Fairclough, Vivien Schmidt, Michel Foucault e Erving Goffman, as autoras analisam os discursos de comunicadores comunitários, militantes dos movimentos de favelas e pesquisadores em textos inseridos na plataforma relacionados à Covid-19 e seu enfrentamento. Em tais análises, as autoras, por um lado, evidenciam e denunciam a necropolítica praticada pelo Estado e, por outro, destacam as articulações por parte de comunicadores e lideranças comunitárias para a formação de redes de enfrentamento à pandemia. Além da excelente análise sobre a trajetória de enfrentamento à Covid-19 nas favelas e periferias, o artigo revela as potencialidades que as pesquisas em torno dos materiais inseridos na plataforma podem adquirir e a sua contribuição enquanto instância que integra moradores, lideranças comunitárias, gestores públicos, terceiro setor e pesquisadores para a resolução dos problemas que afligem as favelas e periferias.

Essa edição da RCD traz ainda duas resenhas de livro. Na primeira, a professora da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), Mônica de Oliveira Pasini, traz uma resenha do livro *Sentidos de milícia: entre a lei e o crime*, escrito por Greciely Cristina da Costa. Em sua obra, a autora discute a atualidade do termo “milícia” – já utilizado há 15 anos –, os sentidos a ele empregados de acordo com comunidades de diferentes classes sociais e o papel do Estado nesse processo. Além disso, a obra convida o leitor a pensar os sentidos pré-construídos ligados ao verbete “milícia” e seu surgimento. A resenha ressalta a divergência de significados que um mesmo termo carrega, partindo do ponto de vista de pessoas pertencentes à diferentes classes econômicas, e articula a relação entre a análise do discurso e a comunicação dialógica.

No segundo texto dessa seção, o Prof. Raúl Rodríguez Ortiz, da Escola de Jornalismo da Universidade do Chile, nos traz uma resenha do novo livro dos pesquisadores Alejandro Barranquero e Chiara Sáes Baeza, que nos leva a um sobrevoo pela comunicação alternativa espanhola. Embora não estabeleça com clareza os pontos de interseção entre as trajetórias espanhola e sul-americana no que tange a este universo, a resenha, pelos temas que traz à tona, indica que podemos estabelecer fértil diálogo entre ambas. Afinal, percebe-se que, assim como

no Brasil, na Espanha também houve um movimento de consolidação das rádios livres a partir da década de 1980; que a questão da sustentabilidade dos meios também é nevrálgica; que também houve um ciclo de manifestações no início da década passada, levada a cabo em grande peso pelo midiativismo (15M), dentre outras semelhanças. Portanto, temos muito a aprender com a leitura deste livro e, nesse sentido, a resenha que trazemos constitui um generoso aperitivo.

Por fim, gostaria de fazer um agradecimento especial a Milene Couto, revisora da RCD, que estará nos deixando ao final desta edição para se dedicar ao seu mestrado. Muito obrigado Milene por toda sua dedicação, comprometimento, serenidade e companheirismo nos momentos difíceis, e por acreditar na seriedade deste trabalho. A RCD agradece a sua imensa contribuição, não teríamos chegado até aqui sem você. E, damos boas-vindas a Karoline Sardinha, que já colaborou neste número e está pegando o bastão das mãos da Milene.

*Bruna Borges, Karoline Sardinha, Marcelo Hernandez e Milene Couto*